

## 1. A CARA DE BOI

Era um rei, que tinha trez filhos. Um dia disse:

— Pois, filhos, vão correr o mundo, e aquelle que trazer a mulher mais formosa é que hade ficar com o reino.

Partiram todos; os dois mais velhos acharam logo duas raparigas muito formosas, com quem se casaram. Uma era filha de uma padeira e a outra de um ferreiro. O mais novo andou por muitas terras, sem encontrar mulher que lhe agradasse.

Indo um dia por um escampado, cheio de fadiga, desceu do cavallo e deitou-se a uma sombra. Deu-lhe então na vista uma casa muito alta sem porta nenhuma, e só lá bem alto é que tinha uma janella. Esteve ali muito tempo, até que viu vir uma velha, que chegou ao muro da casa, bateu na parede e disse:

Arcello, arcello,  
Deita o teu cabelo  
Cá abaixo de repente,  
Quero subir immediatamente.

Foi então que elle viu apparecer á janella uma trança de cabelo tão comprida, que ficou espantado com a sua belleza. A velha pegou-se a ella como se fosse uma corda e subiu para dentro de casa. Pouco tempo depois a velha tornou a sahir, e o cavalleiro tendo desejo de vêr de quem seria a trança, chegou-se á parede, bateu, e repetiu as palavras:

Arcello, arcello,  
Deita o teu cabelo  
Cá abaixo de repente,  
Quero subir immediatamente.

A trança desceu pela janella abaixo, e o rapaz subiu. Ficou pasmado quando viu diante de si a cara mais linda do mundo. A menina deu um grande ai de afflicção:

— Vá-se embora, senhor, que póde vir minha mãe, e tem artes de lhe causar todos os males que ha.

— Não vou, sem a menina vir commigo, porque eu assim ganho o reino de meu pae. E se não quizer vir, boto-me d'esta janella abaixo.

Desceram ambos pela parede, e fugiram a toda a pressa no cavallo que estava folgado á sombra. Ainda não iam longe, quando ouviram uma voz:

— Pára, pára, filha cruel, não me deixes só no mundo.

E como a filha fosse sempre fugindo com o principe, a velha disse-lhe:

— Olha para traz ao menos, para receberes a bênção de tua mãe.

Assim que a menina se virou para traz, ella disse-lhe:

— Eu te fado, que essa cara linda que tens se torne em uma cara de boi.

Coitadinha, ficou logo com cara de boi.

Assim que o príncipe chegou á côrte pozeram-se todos a rir d'aquella figura horrenda, sem saber como elle se tinha apaixonado por cousa tão feia, que fazia fugir. O príncipe contou a sua desventura aos irmãos, mas quem é que se fiava? Estava quasi a chegar o dia em que os tres irmãos haviam de apresentar as suas mulheres diante de toda a côrte, para se assentar qual era a mais linda, e qual d'elles é que havia de ficar com o reino.

A rainha velha tinha muita pena do filho, e lembrou-se de fazer demorar a cerimonia, para vêr se a velha com o tempo perdoava á menina e lhe restituia a sua formosura.

Disse a rainha, que queria que antes da cerimonia da côrte cada uma das suas tres noras lhe bordasse um lenço. A filha da padeira e a do ferreiro não sabiam bordar, e trataram de enganar a rainha, arranjando quem lhes fizesse os bordados; a que tinha cara de boi pôz-se a chorar, e tanto chorou que lhe appareceu a velha, e disse:

— Não te rales mais; no dia em que tiveres de entregar o lenço á rainha eu cá t'o virei trazer.

Chegou o dia, e a velha veio entregar-lhe uma noz muito pequenina. A cara de boi foi leval-a á rainha, dizendo que ali estava o seu lenço. A rainha quebrou a noz e ficou pasmada com a mais fina cambraia, bordada com flôres e ramos e aves.

Chegou o dia de irem á côrte para serem apresentadas as tres noras do rei; a cara de boi pôz-se a chorar, a chorar, até que lhe appareceu a velha que era mãe d'ella:

— Não chores mais; trago-te aqui um vestido para a festa. — Desdobrou-o; era todo bordado de ouro e pedrarias; a filha vestiu-o, mas quando o vestido era lindo, tanto ella ficava mais horrenda. E pôz-se a chorar, a chorar cada vez mais.

Quando já todos tinham entrado para a sala, faltava só ella; a velha disse-lhe:

— Vae agora tu.

A filha obedeceu, mais ia muito triste por vêr-se tão medonha. Quando ia pelo corredor do palacio, a mãe disse-lhe cá de longe:

— Olha para traz. — E assim que a filha virou a cara, continuou: — Fica com a tua formosura. Mas não te esqueças de metteres nas mangas do vestido todos os bocadinhos de toucinho que puderes para me dar.

Então ella entrou na sala pelo braço do marido, e todos ficaram pasmados. A côrte toda confessou que ella é que era a mais linda, e d'ali foram todos para a mesa do banquete. Enquanto estiveram jantando a menina não fazia senão metter bocadinhos de toucinho nas mangas do vestido; as outras duas, que a viam fazer aquillo, trataram de fazer o mesmo pensando que era moda. Acabado o jantar, começaram as danças, e a rainha ao vêr o chão todo besuntado de gordura, e que a cada passo se escorregava em bocados de toucinho, perguntou quem é que fizera aquella porcaria. As damas disseram que o viram fazer á princeza herdeira, e por isso fizeram o mesmo. Começou cada uma a sacudir as mangas dos vestidos, e das mangas da menina começaram a cair aljofres e diamantes misturados com flôres; as outras envergonhadas botaram-se pelas janellas fóra, pelas escadas, corridas, e a que chamavam cara de boi é que veio a ser a rainha, porque o rei entregou a corôa ao filho.

## 2. O VELHO QUERECAS

Eram tres irmãs, muito pobres, que viviam do seu trabalho aturado. N'aquella terra havia uma casa em que ninguem queria morar porque lá dentro ouviam-se de noite grandes gritos e

terrores; as raparigas, para pouparem o aluguel, foram pedir para as deixarem morar n'aquella casa. A mais nova, como mais animosa, foi morar para o ultimo andar.

Uma noite, mal ella se tinha acabado de deitar, ouviu uma voz gritar:

— Eu caio!

— Pois cae! – respondeu-lhe a rapariga. De um buraco do tecto caiu uma perna. Depois soou de novo o mesmo grito:

— Eu caio!

— Pois cae! – repetiu a rapariga; e assim foram caindo os braços, o tronco, até que ella achou diante de si um homem já muito velho e calvo. O velho chegou-se proximo da rapariga, e perguntou-lhe:

— Não tens medo de mim?

— Não.

— Fazes muito bem; és a primeira e unica pessoa que resiste ao medo de me vêr. Em paga da tua coragem toma lá esta bolsa, e quando te vires n'alguma afflicção diz sempre: Valha-me aqui o velho Querecas.

O dinheiro da bolsa nunca se acabava, e as tres irmãs começaram a viver com largueza. No entretanto a mais nova começou a sentir que por mais que se fechasse no seu quarto parecia-lhe que sentia metter-se alguém na cama com ella. Lembrou-se se seria o velho Querecas, e teve uma certa repugnancia; mas para certificar-se, uma noite accendeu de repente a luz, e viu deitado ao pé d'ella um mancebo formoso, que estava adormecido. Estava tão embebida a olhar para elle, que lhe caiu um pingo de cera na cara. O mancebo acordou de repente, e disse:

— Ah! Desgraçada, o que fizeste; dobraste-me o encantamento, que estava quasi no fim! Agora não me tornas mais a ver.

A menina chorou muito, e ainda mais quando conheceu o estado em que se achava. Lembrou-se então do segundo dom, e disse:

— Valha-me aqui o velho Querecas.

— Aqui estou já, e bem sei porque me chamas. Ha só um modo de remediar o mal que a ti mesma fizeste. Toma lá estes tres novelllos, e vae andando sempre, sempre até onde elles se acabarem; onde quer que seja pede que te dêem ahi pousada do ár da noite.

A rapariga chorou por ter de deixar as irmãs, mas o que ella queria era quebrar o encantamento d'aquelle moço; foi andando, andando até ir dar ao fim de muito tempo a um palacio cercado de um rico jardim. Espreitou pelo buraco da chave, e viu lá dentro uma sala com muitas mulheres trabalhando em lindos vestidos de noivado, e fazendo as roupinhas de uma criança. Teve receio de bater áquella porta, e foi rodeando o palacio, até que encontrou o hortelão, a quem pediu pousada. O hortelão respondeu-lhe:

— Você sabe em casa de quem está para vir assim pedir pousada?

— O que sei é que já me não tenho de cançada; e é por uma esmola.

O hortelão teve dó da rapariga e deu-lhe um canto no palheiro; ella deitou-se mais morta que viva, e ali mesmo deu um menino á luz. Tudo aquillo se transformou n'um quarto muito aceiado e rico. Quando o hortelão veio ao outro dia, ficou pasmado com o que viu. Foi dar logo parte á rainha, que tambem quiz certificar-se da maravilha.

Quando chegou ao lugar em que estava a menina deu um grito ao vêr a criança:

— Oh senhora! Quem é o pae d'este menino?

A rapariga ficou muito envergonhada por não poder logo dizel-o; no meio da sua confusão contou o caso do velho Querecas. Foi então que a rainha se lembrou:

— Esse menino é o retrato de meu filho, que me desapareceu, sem nunca mais saber d'elle nova má nem boa.

A rainha levou a rapariga para o palacio, tratou de lavar a criança, e quando a despiu achou-lhe nas costas um grande signal. Reparou, e viu que era um pequeno cadeado com uma chavinha. Quiz vê se o abria, mas com receio disse á mãe que experimentasse a vê se dava volta áquella chavinha. Logo que a mãe pegou na chave abriu o cadeado, e immediatamente se quebrou o encantamento do principe que deveu a sua liberdade ao animo d'aquella rapariga com quem casou logo.